

## Operadores argumentativos: indicadores da organização relacional dos textos de opinião escritos em inglês/língua estrangeira

Maria Aldenora Cabral de Araújo (UFPE)<sup>1</sup>

### Resumo:

Este estudo tem por objetivo analisar a organização das seqüências argumentativas relativas ao emprego dos operadores em textos de opinião. Para isso, a pesquisa se concentra em uma abordagem indutiva, objetiva e descritiva sobre o lugar e o peso dos itens lexicais, a partir do Método de Análise Lexical, Textual e Discursiva, proposto por André Camlong. Como pressupostos teóricos, destacam-se a Semântica Argumentativa, representada, entre outros teóricos, por Ducrot, Roulet, Filliettaz e Grobet e a Linguística Textual, na figura de Koch, Halliday e Hasan, etc. A questão chave é verificar três pontos: se os textos apresentam um grau de normalidade coesiva; como se correlacionam a dependência e independência entre as variáveis; e qual o comportamento semântico/discursivo dos operadores na construção dos enunciados.

**Palavras-chave:** Valor semântico; Operador argumentativo; Coesão.

### Abstract:

This paper has as purpose of analyzing the organization of the argumentative sequences concerning the presence of argumentative operators in opinion texts. For this, the research concentrates an inductive, objective, descriptive broaching about the place and the worth of lexical items, according to Camlong's Lexical, Textual, Discursive Analysis Method. The theoretical bases are Argumentative Semantics, represented, among others theorists, by Ducrot, Roulet, Filliettaz and Grobet, and Textual Linguistics, figured by Koch, Halliday and Hasan, etc. The key-question is the verification of three points: If do the texts introduce degree of cohesive normality? How do the dependence and independence correlate among variables? And what is semantic/discursive behavior of operators in construction of announced sequences.

**Keywords:** Semantic worth; Argumentative operator; Cohesion.

### Introdução

A organização relacional dos textos<sup>1</sup> como uma atividade discursiva dos operadores tem interessado muitos estudiosos de diferentes áreas de conhecimentos como Linguística Textual, Filosofia da Linguagem, Semântica Argumentativa e Linguística de Corpora. Esta última tem amplamente utilizado, desde 1960, os recursos da informática combinados à matemática aplicada e à estatística paramétrica para abordar proposições tais como: a descrição das instruções dadas pelos conectores de línguas diferentes, o inventário e a definição das relações mais freqüentes.

Em um caminho parecido, pois se trabalha com o processamento dos textos por meio do computador, situa-se o presente estudo. Este se diferencia em relação às outras pesquisas por abordar a organização relacional dos operadores em textos de opinião escritos em inglês por aprendizes de idioma estrangeiro e por procurar o

---

<sup>1</sup> A organização relacional de textos em inglês foi o tema abordado na dissertação de Mestrado/2009 da autora deste artigo. O presente artigo é uma versão simplificada de alguns resultados desenvolvidos na primeira fase da pesquisa, que, ao todo, envolveu três etapas. Para maiores esclarecimentos consulte a dissertação intitulada A organização relacional de textos argumentativos escritos em inglês/língua estrangeira com ou sem operadores, que se encontra na Biblioteca Central da UFPE ou no portal eletrônico de dissertações desta mesma instituição.

sentido dessa organização em três níveis distintos de análises: o lexical, o textual e o discursivo, a partir do método de André Camlong<sup>2</sup> (1996).

A decisão de empreender um estudo dessa natureza deve-se ao fato de considerarmos que os operadores argumentativos, nas palavras de Ducrot (2002), são marcas linguísticas que mostram que a significação das frases<sup>3</sup> comporta a indicação de lacunas a serem preenchidas para que se possa chegar ao sentido de seus enunciados bem como a indicação de um largo conjunto de possibilidades quanto à maneira de preenchê-la.

Realizada esta observação, passa-se então para a descrição, em três etapas, do que está contido neste artigo. Na primeira etapa, salientam-se os critérios formal-semânticos que representam a organização do texto/discurso. Dentro destes critérios, coesão e coerência são propriedades intrínsecas, os operadores assumem um esquema hierárquico de orientação e os itens lexicais se localizam dentro de um vocabulário específico conforme o valor semântico dos mesmos dentro do corpus. Na segunda etapa, explicitam-se a metodologia e a análise da organização. Neste caso, enquanto os mecanismos do método são compreendidos para contabilizar as medidas de frequência, de peso semântico e para se proceder a análise quantiquantitativa do texto, a análise é realizada através do sistema de atos. Neste sistema, a o grau de tessitura textual é dado pela Lei de Fisher e a correlação de dependência e independência é dada pelo levantamento do peso semântico dos operadores que assumem uma posição dentro de um vocabulário específico. Na última etapa, de forma reflexiva, retomam-se alguns pontos que foram observados no percurso deste estudo.

## 1 Coesão e coerência

Movido pela intenção de convencer e persuadir, o sujeito-produtor de um texto argumentativo impõe ao texto uma dinâmica de construção baseada na presença da coesão e da coerência. Por terem esse vínculo e por promoverem a inter-relação semântica entre os elementos do discurso, alguns estudiosos postulam uma não distinção entre as mesmas.

Segundo Halliday e Hasan (1976, p. 4), a coesão é o modo pelo qual o texto está estruturado semanticamente e cuja relação de sentido se mostra na superfície da linearidade textual. Nesse sentido, os

---

<sup>2</sup> Doutor em Letra e Ciências Humanas, com formação em estudos universitários pluridisciplinares como Matemática, Filosofia, Letras, Línguas e Línguística, Camlong foi professor titular da cadeira de português na Université de Toulouse II – Le Mirail até a sua aposentadoria em 2006. Dirigiu muitos centros de pesquisas como, por exemplo, o Centro de Lexicologia e Lexicografia da UTM, o Centro de Estilística da UTM, o CREEP e o CRIC da UTM, a API (Toulouse III, UPS). Suas pesquisas abrangem três domínios: a Literatura, a Retórica, a Lexicometria. No primeiro domínio, podem-se encontrar várias obras, dentre elas selecionam-se “Le vocabulaire poétique de João Cabral de Melo Neto”, “Les Dieux sont Morts”. No segundo domínio, destacam-se as obras “Rhétorique” e “Topiques”. No terceiro domínio, apresentam-se o “Stablex”, “Méthode d’ analyse lexicale textuelle et discursive”. Ademais, o professor tem ministrado cursos, seminários e assessoria na utilização do programa de tratamento e análise dos textos em parceria com universidades brasileiras (Brasília, São Paulo, Rio, Florianópolis, Curitiba, Belo horizonte, Bahia, Recife, etc Recife, etc.) e com universidades portuguesas (Lisboa, Porto, Braga, Vila Real e Portalegre).

<sup>3</sup> As frases ou proposições em um discurso podem formar um discurso coerente, sem embargo, incluindo se não estão todos conectados com todas as outras frases ou proposições. Em particular, podem estar relacionadas em pares sem estar conectadas ao sentido definido anteriormente.

enunciados e seus elementos mantêm relação de dependência, definindo-se, assim, como um texto de sentido e não uma sequência aleatória de frase.

Seguindo os mesmos passos dos linguistas citados, Costa Val (1994, p. 5) defende que a coesão e a coerência estão imbricadas em um processo semântico derivado da compatibilidade entre a configuração textual e o conhecimento do mundo.

Por seu turno, movido pela idéia de organização de um texto, Charolles (1997) afirma que a coesão é a manifestação linguística da coerência, advinda da inter-relação semântica entre os elementos do discurso expressos pela conectividade textual. Sobre a coerência e a coesão, Charolles (1997, p. 49) diz que:

A base do texto (sua representação estrutural profunda) é de natureza lógico-semântica: os constituintes frásticos, seqüenciais e textuais figuram sob a forma de uma cadeia de representações semânticas e textuais, figuram sob a forma de uma cadeia de representações semânticas ordenadas de tal maneira que sejam manifestadas suas relações conectivas. As regras de coerência agem sobre a constituição dessa cadeia, sendo que as restrições que elas estipulam incidem, portanto, sobre traços (lógico) semânticos, isto é, afinal de contas, lingüísticos.

Como não há, para ele, uma distinção entre coesão e coerência, Charolles trata a continuidade sequencial do texto a partir de duas dimensões: uma coerência microtextual e uma coerência macrotextual. A primeira é relativa à linearidade textual local que leva em conta a ordem e as relações de segmentação dos elementos lingüísticos e constitutivos do texto. A segunda diz respeito à construção global do texto como um todo integrado, resultante do sentido local entre orações, períodos e parágrafos.

Charolles (1997) propõe ainda que, para a existência dessas duas coerências, é necessário que o texto apresente quatro metarregras: a repetição, a progressão, a não-contradição; e a articulação.

Em uma posição semelhante às condições de existência da coerência está Dijk (1998) quando discute sobre as proposições de coerência e de incoerência, ressaltando que esta última está diretamente ligada à primeira proposição através da meterregra de pertinência, isto é, o autor/locutor produz enunciados os mais pertinentes possíveis dentro das circunstâncias para que se possa interpretá-lo. Nesse sentido, o que se pode estabelecer, em caso de incoerência, é justamente ativar a relação de identidade referencial, que decorre do cálculo de um valor comum a várias proposições distintas. Assim ressalta o teórico:

Las frases o proposiciones en un discurso pueden formar un discurso coherente, sin embargo, incluso si no están todas conectadas con todas las otras frases o proposiciones. Em particular, puedan estar relacionadas en pares sin estar conectadas en el sentido definido anteriormente. (DIJK, 1998, p. 147)<sup>2</sup>

Pensado assim, a coerência se apresenta, para esse autor, como uma propriedade semântica do discurso, baseada na interpretação de cada frase individual relacionada com a interpretação de outras frases. Nestes termos, a noção de conectividade presente na sequência formal do texto (microestrutura), corresponde, então, a um aspecto da coerência discursiva que diz respeito à concatenação de proposições de tal forma que possam ser tomadas como um todo (macroestrutura).

Nesse sentido, a questão relevante, que se coloca como princípio base, parece ser a consideração de que a coesão e a coerência são importantes para a construção de um texto, seja como meio de operar a seqüência dos enunciados, seja como meio de indicação das relações semânticas entre os segmentos do texto. A aceitação desse princípio aponta para a importância dos operadores argumentativos na veiculação das relações textuais.

## 2 O papel dos operadores argumentativos

Blair (*apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 115), em 1788, considera os operadores como **conectivos de conjunção** que faziam a ligação das orações e que constituíam a força do discurso. O linguista, assim, diz sobre a função dos **conectivos**:

Geralmente são utilizados para conectar orações ou membros da oração. [...] É o bom ou mau emprego dessas partículas de conexão que confere ao discurso um ar firme e estruturado ou, ao contrário, frouxo e desorganizado, é isso que o faz progredir em um movimento sem choque e regular, ou com um passo desarticulado e claudicante.

Por seu turno, Ducrot (1988) retoma o conceito de **conectivos** e usa o termo operador argumentativo para designar, no texto, diversos morfemas, expressões ou certas marcas que têm a propriedade de orientar argumentativamente os enunciados a uma dada conclusão. Assim se posiciona o referido teórico sobre os operadores: “palavras instrumentais (...) que servem para constituir discursos doadores de sentido que são, em nossa perspectiva, os encadeamentos argumentativos” (DUCROT, 2002, p. 11).

A partir dessa caracterização, ampliou-se o leque de estudo dos operadores, que passa então a englobar os advérbios/locuções adverbiais, as preposições/locuções prepositivas, e conjunções/locuções conjuntivas e expressões. Ademais, uma série de outras funções foi atribuída aos mesmos.

Dentre essas funções destacam-se a dada por Vilela e Koch (2001; p. 503). Para estes teóricos os operadores são responsáveis pelo encadeamento dos enunciados sucessivos, cada um dos quais resultantes de um ato particular, sendo o segundo encadeado sobre o primeiro, este tomado como tema/dado e aquele como rema/novo.

Já para Halliday e Hasan (1976, p. 27), os operadores têm duas funções: ligação direta com o percurso do argumento e construção da representação estrutural do texto.

Sobre essa representação, pode-se aferir que os operadores são marcas capazes de prenunciar a existência de uma estrutura usual e que alguma dimensão do enunciado no intervalo pontuado por eles pode representar algum padrão para um determinado gênero. Desse ponto de vista, comenta Silva (2006, p. 50): “A função dos operadores é a constituição de um gênero e, pretensamente, induzir o leitor a acreditar que ali existe um texto e obter dele a colaboração necessária para que se faça a sua interpretação”.

Em se considerando que os operadores atuam como marcas de gênero e de ligação entre os enunciados constituintes de um texto, é tentador supor que, no texto escrito, eles apresentam uma função multifuncional

similar à dos marcadores conversacionais citados por Marcuschi (1989, p. 282)<sup>4</sup> no texto oral, ainda que sob restrições mais severas, típicas da formatação do texto escrito.

Essa idéia é postulada por Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 165) que vêem os operadores com a função de recobrir tanto relações interativas, no nível de intervenções, quanto relações ilocucionárias, no nível de troca. Por esta ótica, se os operadores têm essas qualidades é porque os seus sentidos são constituídos por um conjunto vago de possibilidades de encadeamentos semânticos. Dessa forma, como fontes de discurso, os operadores viabilizam a construção do texto e, como integrantes da argumentação, permitem observar o encadeamento do discurso no interior do esquema hierárquico de operadores.

## 2.1 O esquema hierárquico dos operadores

De acordo com Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 169-179), os operadores descrevem um esquema hierárquico a partir de um sistema de intervenção e de troca.

No sistema de intervenção (I), eles se esquematizam formando blocos de abertura e de fechamento com a mesma relação e como menor unidade monologal (somente blocos de argumento ou somente blocos de contra-argumentos e assim sucessivamente). Neste caso específico, os operadores modulam relações de categorias. O que dá a idéia de um conjunto de enunciados sob uma mesma relação. É o efeito da estrutura do texto no plano vertical.

Já no sistema de troca/atos (At), os operadores se esquematizam em enunciados distintos como menor unidade textual. Nesse sentido, os operadores agem como subclasses de relações implicando sequências justapostas, em que cada uma tem sobre a outra um determinado efeito no plano horizontal.

Para Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 179-180), esse esquema acontece porque há, entre as intervenções e os atos, relações do tipo dependente e independente. No primeiro tipo, as relações mantidas pelos operadores são marcadas por uma subordinação<sup>5</sup> de dependência da principal<sup>6</sup>. Quanto ao segundo tipo, a presença das relações independentes é marcada por uma dinâmica interna e autônoma de propriedades precisas discursivas. Em ambos os tipos, segundo Luscher (*apud* MOESCHLER et al, 1995, p. 135) o percurso discursivo é realizado com base em quatro características instrucionais dos conectores: (a) cada instrução corresponde a uma operação do processo de tratamento do enunciado que contém o conector; (b) essas operações se desenvolvem e podem ser descritas respeitando uma hierarquia; (c) certas instruções correspondem a operações

---

<sup>4</sup>Marcuschi considera os marcadores conversacionais dotados de propriedades interacionais e de propriedades intratextuais quando diz que: os “marcadores conversacionais são palavras e expressões mais ou menos fixas, características da fala, elementos que operam, simultaneamente, como organizadores de interação, articuladores do texto e indicadores da força ilocutória, sendo, pois, multifuncionais”.

<sup>5</sup> Segundo Roulet; Filliettaz e Grobet, a subordinação de um ato não é necessariamente marcada por uma subordinação sintática. Assim, subordinado é a troca ilocucionária que demanda uma informação.

<sup>6</sup> Principal é uma resposta de emprego presente em uma organização relacional simples, formado de dois atos coordenados, que constitui o lugar de resposta.

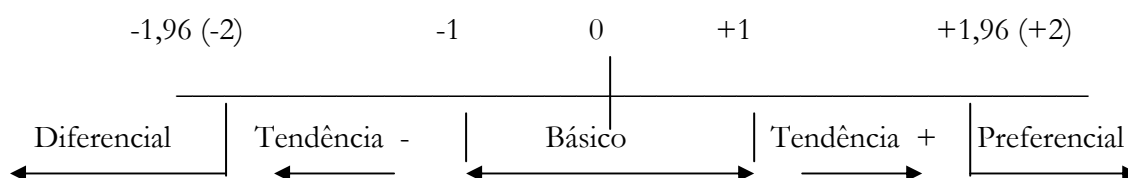
obrigatórias (retomam uma informação dada anteriormente) e outras, a operações potenciais (projeta a informação no enunciado seguinte criando relações genéricas); (d) as instruções podem ser comuns a diversos conectores (nesse caso, podem-se agrupar vários conectores a uma mesma categoria).

Conclui-se, então, pelas características que cada etapa do processamento de dependência e de independência corresponde a uma condição sobre a interpretação hierarquizada. Neste caso, segundo Camlong (1996), tomado textos diversos, a subordinação e a não-subordinação dependerão tanto do levantamento do peso semântico quanto do sistema de acoplagem dos textos, que aponta o grau de proximidade entre os mesmos em uma mesma ordenação espacial. Somente a partir desses procedimentos, podem-se analisar e explicar as relações discursivas distribuídas em torno de um vocabulário específico.

### 3 Os vocabulários preferencial, diferencial e básico

Camlong (1996, p. 127) define os vocabulários preferencial, básico e diferencial pelo valor reduzido que eles ocupam na matriz de focalização do discurso, cujo centro gravitacional é zero.

Ao fazer a distribuição destes em uma régua, obtém-se a seguinte representação:



Tomado dessa forma, pode-se observar que o vocabulário preferencial é aquele dotado de um valor superior ou igual a +1,96 ou, arredondando, +2<sup>7</sup>. Trata-se de um vocabulário diretamente relacionado tanto à temática discursiva quanto às preferências composicionais (gramática) e discursivas de cada variável. Para ilustrá-lo, veja-se abaixo a TABELA 1 que mostra o fragmento do vocabulário:

Mot	Oc	T1	Z	
Even if	2	2	2,56	Vocabulário particular ou exclusivo
On the order hand	6	4	2,50	Vocabulário não-particular

TABELA 1 – Fragmento do vocabulário preferencial da variável T1.

Pode-se perceber que o vocabulário preferencial é bastante extensivo, pois acomoda o vocabulário não-particular (não exclusivo da variável) e também o vocabulário particular, ou seja, aquele que é exclusividade de uma só variável.

Em uma área oposta ao preferencial, tem-se o vocabulário diferencial. Este apresenta valor menor ou igual à -1,96, ou -2. Atente-se para o peso do operador *but* (-2,31) que exemplifica o vocabulário diferencial na

<sup>7</sup> O valor arredondado (+2) não será tomado para a análise dos dados.

variável T1. Neste caso, segundo Camlong (1996, p. 128), ele é um vocabulário pobre, sinalizando a imprecisão lexical, a tendência à repetição e ao desvio do assunto.

Já na área mediana, encontra-se o vocabulário básico. Este se apresenta com o valor intermediário entre -1,96 e +1,96 (ou entre  $\pm 2$ ). É o vocábulo mais corrente, mais repetido de cada variável e que dá o cerne, isto é, a estrutura do texto/discurso.

Camlong (1996, p. 128) classifica dentro dessa área básica três vocabulários. O primeiro é o vocabulário restritamente básico que compreende o valor entre -1 e +1. Como exemplo, pode-se citar o peso 0,53 para uma ocorrência do item lexical *therefore*, presente na variável T2. Trata-se de um vocabulário, cujo núcleo comum gravita em torno da média reduzida zero, indispensável à formação do texto/discurso.

Já o segundo é o vocabulário com tendência positiva 1 que se situa entre o valor +1 e +1,96 (ou +2). Exemplificando, tem-se, na variável T2, o item lexical *moreover* com uma ocorrência e valor lexical +1,44. A particularidade desse vocabulário é que ele converge para um vocabulário preferencial, revestindo-se, então, de referencial temático discursivo e de forte expressividade gramatical. Isso implica em dizer que o vocabulário de tendência positiva é, portanto, o lugar estratégico por onde se articula o discurso de cada variável.

Finalmente, na terceira parte, destaca-se o vocabulário de tendência negativa. Este se localiza entre a média reduzida de -1 e -1,96 (ou -2). Exemplificando, na variável T2, toma-se o item lexical *because* com valor lexical -1,44. Vocábulo dessa natureza dá indícios de que a temática discursiva, praticamente, deixa de existir.

Após o exposto sobre essa classificação de vocabulário, descrevem-se, nas duas seções seguintes, os aspectos metodológicos da pesquisa e o método utilizado na análise.

## 4 Metodologia

O artigo concentra-se em uma abordagem indutiva, objetiva e descritiva topológica a partir do Método de Análise Lexical, Textual e Discursiva, proposto por Camlong. Usa-se esse método, primeiramente, para calcular as frequências relativas e as medidas reduzidas. Depois, para fazer a correlação entre dados quantitativos e dados qualitativos.

Para a coleta de dados, a pesquisa envolveu um corpus de 46 textos produzidos por 23 alunos, jovem-adultos, de Língua Inglesa dos Cursos de Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (4º, 5º e 6º períodos) e da Faculdade de São Miguel (5º período). Os textos foram distribuídos em quatro variáveis (T1, T2, T3, T4), correspondendo, respectivamente, às turmas envolvidas. É importante salientar que oito enunciados, do corpus analisado, foram extraídos para ilustrar as correlações textuais.

## 5 O método modular de André Camlong

O método de Camlong (1996, p. 7) destina-se à análise do corpus por meio da estatística paramétrica que tem como hiato três princípios básicos: “a **aritmética**, para calcular, determinar e controlar; o **cálculo**



**algébrico**, para medir, comparar e integrar; a **representação geométrica**, para visualizar, memorizar e raciocinar”.

A aplicação desses princípios permite, primeiramente, a descrição da estrutura lexical para, depois, então, se chegar à visualização do texto e, conseqüentemente, à compreensão de como o discurso está constituído. Há, portanto, um jogo discursivo-topológico, na medida em que cada item lexical detém um peso de acordo com a sua função e sua distribuição no plano da totalidade textual/discursiva o qual só pode ser conhecido quando comparado, na prática, e na presença de outros, seja a partir de algumas palavras ao redor de um item seja nos itens ligados às fronteiras do texto seja, até mesmo, em um corpus multitextual inteiro.

Como a utilização desse método pressupõe o trabalho com a ferramenta de informática, Camlong criou para **um primeiro momento de análise o programa Stablex**, que faz o recenseamento dos vocábulos encontrados nos textos (estes chamados de variáveis) e indica os respectivos números de ocorrência global por variável e por ordem alfabética (denominado também de léxico alfa). Um dado importante a observar é que antes de inserir os textos para as operações do primeiro módulo do programa Stablex, foi necessário fazer uma preparação prévia dos textos a serem processados, uma vez que o programa não faz a leitura de números e nem tão pouco de itens lexicais que formam uma só palavra ou expressão. Assim, convencionalizou-se uma letra, de qualquer natureza, diante de números, separada por um hífen (a-1990) e no caso dos itens lexicais, que devem ser considerados uma palavra ou expressão, liga-se os mesmos por hífen (above-all).

**Em um segundo momento**, Camlong desenvolveu **uma macrostab**, isto é, um programa **Excel** que contém planilhas, como o **léxico**, **tabela de distribuição de frequência**, **tabela de desvios reduzidos**, **gráficos**, dentre outros, e que permitem um tratamento descritivo pormenorizado do texto.

O **léxico**<sup>8</sup> é a planilha que compartimenta dados lexicais gerados no programa stablex, mas convertidos para essa planilha em ordem decrescente de frequência (denominado de léxico delta).

Já a **Tabela de Distribuição de Frequência (TDF)** corresponde a uma planilha de simplificação das ocorrências e dos itens lexicais das variáveis no léxico delta. Por exemplo, no estudo das variáveis os léxicos *people* e *what* aparecem duas vezes com ocorrência 53, então, nesta planilha eles são simplificados para a ocorrência 106 ao somar os seus valores. O mesmo ocorrendo para a distribuição das ocorrências destes dois itens lexicais: *people* ( $12 = T1/16 = T2/13 = T3/12 = T4$ ) e *what* ( $12 = T1/11 = T2/15 = T3/15 = T4$ ) que somados estão assim distribuídos ( $T1 = 24/T2 = 27/T3 = 28/T4 = 27$ ).

Segundo Zaparolli e Camlong (2002, p. 33), o processamento até então realizado – **stablex**, **planilha lexical** e **planilha de frequência** – tem como objetivo fazer um retrato reduzido da distribuição dos itens

---

<sup>8</sup> Para muitos teóricos os termos “léxico”, “vocábulo” e “palavra” seriam uma espécie de sinônimos, não havendo nenhuma distinção propriamente dita entre os mesmos. Com essa visão, o termo mais genérico seria a “palavra” e os outros termos seriam empregados de forma científica. Todavia, Muller (1986) parte da discussão dialética entre sistema, fala e discurso e faz a distinção entre os mesmos. O “léxico” é o conjunto teoricamente infinito de todas as palavras potenciais e já realizadas de uma língua, isto é, um modelo sócio-linguístico-cultural partilhado e realizado ao nível do sistema. O “vocábulo” constitui a palavra efetivamente realizada ou empregada pelo falante em uma determinada situação. Além disso, este termo faz parte do léxico, mas a nível da fala. A “palavra” representa uma unidade que se concretiza no discurso e no texto, situando-se entre uma unidade mínima gramatical (morfemas) e uma unidade sintagmática maior (sintagma). Acompanhando esse mesmo olhar de Muller a respeito do termo “palavra”, apresenta-se Vilela. Este teórico define e delimita a “palavra” como unidade básica e significativa do léxico, apesar das várias acepções que a norteiam, tais com: palavra lexical, sintagma, item lexical, lexema, lexia.



lexicais através do cálculo aritmético e por isso a importância da Tabela de Desvios Reduzidos para uma descrição do valor desses elementos na construção do texto.

Assim, a **Tabela de Desvios Reduzidos (TDR)** é uma planilha de cálculo algébrico que fornece o peso (valor) funcional de cada item lexical dentro da estrutura discursiva. Este cálculo é feito tendo como padrão um centro de gravidade zero, pertencentes aos eixos da abscissa (massa lexical) e da ordenada (peso lexical). Nesse caso, o peso é uma medida intensiva que se potencialidade em direção a um ponto inerte e equilibrado e ao mesmo tempo mantém reciprocidade com a escala aritmética da frequência lexical. Neste caso, os valores lexicais aqui encontrados, quando analisados, dão o grau de normalidade e de independência de cada variável.

Para a visualização desses graus, Camlong (1996) desenvolveu vários **gráficos**, dentre eles o do **corpus inteiro/histograma**<sup>9</sup> e o da **projeção oblíqua**, que interpretam a natureza das ligações e discrimina a relação de dependência e independência.

Passa-se a seguir para a análise dos textos de opinião conforme a presença dos operadores argumentativos.

## 6 Análise da organização relacional dos operadores argumentativos nos textos

A análise das relações argumentativas dos operadores é feita em duas etapas. Na primeira, descrevem-se os três parâmetros de verificação do grau de normalidade. Na segunda etapa, duas medidas são tomadas: inicialmente, interpreta-se o grau de coesão no sistema de atos, observando a imagem das variáveis no histograma, o levantamento do peso semântico dos operadores e a imagem oblíqua da correlação das variáveis; e, posteriormente, ilustra-se a relação organizacional semântico-discursiva dos operadores.

### 6.1 Parâmetros de normalidade da tessitura textual

A verificação do grau de normalidade de um texto em termos de coesão e de coerência envolve três parâmetros: a tabela do  $\chi^2$  de Fisher (CAMLONG, 1996, p. 48-49), o valor de soma do quadrado ( $\chi^2$ ) das variáveis e o valor do desvio reduzido médio (moy). A tabela do  $\chi^2$  de Fisher estabelece valores gerais para a quantidade de variáveis envolvidas na pesquisa. Como aqui são tomadas quatro variáveis, os valores desse parâmetro são representados a seguir:

v\p	0.995	0.99	0.975	0.95	0.90	0.10	0.05	0.01	0.005
4	0,207	0,297	0,484	0,711	1,064	7,780	9,490	13,280	14,860

TABELA 2 – O  $\chi^2$  de Fisher para as quatro variáveis.

<sup>9</sup> Histograma em escala é um gráfico que representa a normalidade da distribuição lexical das variáveis de acordo com a tabela de Fisher

Por essa tabela, os valores das quatro variáveis estão fixados entre 0,207 a 14,860 e correspondem às probabilidades percentuais de uniformidade do sistema textual.

Por sua vez, a soma do quadrado  $x^2$  é a soma do valor particular do intervalo de definição de cada uma das quatro variáveis. Veja-se como isso é realizado:

		T1	T2	T3	T4	Soma do quadrado $x^2$
<b>0,025</b>	<b>Khi2</b>	0,006	0,007	0,007	0,005	0,025

TABELA 3 – Soma do quadrado  $x^2$  das variáveis.

Já o valor do desvio reduzido médio (moy) é obtido na Planilha de Desvios Reduzidos. Estes valores servem para verificar se os textos estão ou não dentro dos limites oferecidos pela tabela de Fisher. Nesse caso, os valores de cada variável são fixados em:

		T1	T2	T3	T4
<b>0,007</b>	<b>Moy</b>	0,077	-0,084	0,083	-0,070

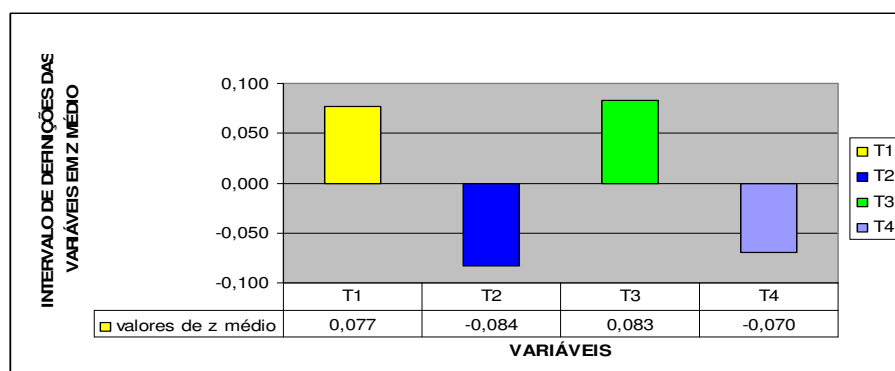
TABELA 4 – Valores de desvio reduzido médio das variáveis.

Trazendo esses dados para o sistema de atos, a seguir, pode-se então proceder à análise descritiva sobre o grau de coesão e de coerência dos textos.

## 6.2 O grau de normalidade de coesão e coerência dos textos no sistema de atos

A organização no nível de atos corresponde ao contínuo horizontal estabelecido entre dois ou mais enunciados de menor unidade textual. Assim, parafraseando Camlong (1995, p. 21)<sup>10</sup>, pode-se dizer que, neste sistema, cada enunciado é a soma de dois ou mais precedentes que tem a mesma função genérica (adição, oposição, etc.), constituindo, portanto, subclasses de categorias.

Feito essa explicação, atente-se para o histograma<sup>3</sup> das variáveis T1, T2, T3 e T4:



<sup>10</sup> “Le principe de la suite de Fibonacci est simple: chaque nombre est la somme des deux précédents : 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, etc. [...] divine proportion des pythagoriciens.”

## GRÁFICO 1 – Normalidade da distribuição das variáveis textuais.

Fazendo a leitura desse gráfico, observa-se que no eixo horizontal estão as variáveis dessa fase. No eixo vertical, apresenta-se o espaço ocupado pelas variáveis com seus respectivos valores de Z médio na arquitetura do texto.

Comparando com os valores do  $\chi^2$  de Fisher, que fixa na primeira coluna o valor de 0,207 para as quatro variáveis independentes da matriz, observa-se que todos os textos para serem coesos devem constar em um intervalo de definição entre + 0,207 e - 0,207.

Reportando-se esses limites ao gráfico, constata-se que todos os textos estão dentro desse limite, oscilando entre o menor valor -0,084 e o maior valor +0,083, conforme a particularidade de cada um: dois positivos (T1 e T3) e dois negativos (T2 e T4).

O mesmo acontece se tomarmos o intervalo da soma do quadrado  $\chi^2$ , que para as quatro variáveis estabelece o valor 0,025.

Relacionando com os valores de  $\chi^2$  de cada variável 0,006, 0,007, 0,007 e 0,005, respectivamente, observa-se que nenhum dos valores, aqui representados, aproxima-se do valor global (0,025). Portanto, conclui-se que os textos se apresentam equilibrados com uma probabilidade de 99,5 % de coesão.

É importante ressaltar que estar coeso e coerente não implica em dizer que todos têm uma forte orientação argumentativa. Ao contrário, a sequência dos enunciados pode se apresentar forte ou fraca, dependendo da posição estrutural ocupada pelos itens lexicais no enunciado.

Feito essa ressalva, cabe agora interpretar a natureza exata dessa coesão em cada uma dessas variáveis, isto é, o porquê das variáveis T1 e T3 estarem na parte positiva, indicando itens lexicais com alta densidade argumentativa, e das variáveis T2 e a T4 se apresentarem na parte negativa, apontando que há algum problema de dispersão discursiva.

### 6.2.1 Relação de dependência e de independência

O primeiro passo é fazer o levantamento, a seguir, do peso semântico dos operadores argumentativos na construção dos textos:

Operadores argumentativos	T1	T2	T3	T4
And	0,798	-0,061	0,607	-1,381
When	0,938	-1,204	0,979	-0,602
About	-0,032	-1,905	3,310	-1,191
That	0,289	0,540	1,298	-2,254
But	-2,305	-0,187	1,303	1,263
Because	-0,970	-1,437	1,416	1,195
If	0,623	1,058	-0,648	-1,191
However	0,489	2,539	-1,725	-1,640
Such as	0,700	1,483	-1,637	-0,740
Although	0,938	0,307	0,138	-1,467

Which	1,773	-0,448	0,138	-1,467
in fact	-0,572	1,398	0,354	-1,372
Besides	-1,107	-0,317	2,476	-1,037
for example	1,767	-1,200	-0,945	0,515
because of this	-0,783	0,531	0,910	-0,733
even though	-0,783	0,531	0,910	-0,733
even if	2,555	-0,979	-0,772	-0,733
the first	1,807	-0,693	-0,546	-0,519
the second	1,807	-0,693	-0,546	-0,519
on the others hand	-0,553	-0,693	1,833	-0,519

TABELA 5: Peso semântico dos operadores na construção dos textos.

Procedido dessa forma, o segundo passo é a apresentação da imagem oblíqua da correlação das variáveis<sup>11</sup>. Em outros termos, a configuração de dependência e de independência entre as variáveis. Observe-se o posicionamento das variáveis:

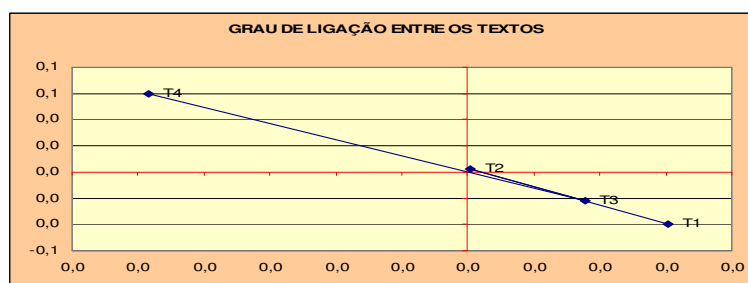


GRÁFICO 2 – Projeção oblíqua da correlação entre as Variáveis.

Explorando este GRÁFICO 2 com os dados da TABELA 5, percebe-se que a T4 se destaca de forma independente por possuir operadores argumentativos dentro de um vocabulário básico, sobretudo marcado pelo restritivo negativo, pela tendência negativa, e por um vocabulário diferencial *that* de peso -2,254. Ao mesmo tempo, mantém uma relação de dependência com a T2, uma vez que esta também se apresenta fortemente assinalada por dois vocabulários: um restritivo negativo e, o outro, de tendência negativa.

Por sua vez a T3 e a T1 se correlacionam de modo dependente, pois ambas, mesmo apresentando valores semânticos marcados pela posição negativa, são possuidoras de um forte predomínio de valores positivos com alta densidade. É o caso da T3 que apresenta, sobretudo, operadores no vocabulário básico restritivo positivo, no vocabulário básico de tendência negativa e no vocabulário preferencial, sendo este último com pesos de 3,310 e 2,246. Já a T1 é também fortemente marcada por operadores que estão dentro desses vocabulários, com destaque para o preferencial com valor de 2,255.

Tomado dessa forma, a T3, por apresentar um valor alto no preferencial, se destaca de forma independente em relação a todas as outras variáveis, seguida da variável T1. Um dado interessante é a relação

<sup>11</sup> O sistema de correlação das variáveis é feito com todos os itens presentes em cada variável. Aqui se fez simplesmente o levantamento dos operadores argumentativos, que assegura, pelos dados fornecidos, essa correlação.

que a T2, por se concentrar em um ponto central, estabelece com a T3 e a T1. Analisando os dados, observa-se que ambas são dependentes, pois são possuidoras de operadores com alta densidade semântica no preferencial.

A importância destes dados na T1 e na T3 contribui em muito para perceber que estas apresentam um forte encaminhamento de construção argumentativa, gerado, por exemplo, pela constância de valor semântico e pela não contradição de idéias. Enquanto que os dados nas variáveis T2 e T4 indicam que há imprecisões no discurso argumentativo, marcadas pela dispersão e sobrecarga de itens lexicais detentores da mesma função.

## 6.2.2 Ilustração semântico-discursiva dos operadores no sistema de correlação

Para ilustrar essas imprecisões presentes, apresentam-se alguns fragmentos da T2 e T4, respectivamente, tomados aos pares para a análise:

### Extração n° 1

*Some ecologists affirm that sharks do not represent risk to anybody, that the death-rates **and** the physical damage rates do-not represent alarming statistical data **and** even that attack like these are very rare **but** sharks are being seen to normal people like true threats to man's life (Informante: Jeremy)<sup>12</sup>.*

### Extração n° 2

*They attacked on the beaches areas of Brazilian-northeast, of American-south **and** the attacks like these are very rare but they continue attacking surfers **and** unlike man, these animals never kill for sport or just for the sake of killing (Informante: Ceça).*

No fragmento 1, três atos diminuem a orientação do operador *and* (peso: -0,061). O primeiro é formado pelo operador *that* que imprime um encadeamento sequencial discursivo. Este fato obriga o operador *and* a acompanhá-lo com a mesma função, mas em posição secundária. O segundo é formado pela intercalação do *and* entre dois itens nominais (*the death-rates **and** the physical damage rates*). Tal posicionamento, de acordo com Vilela e Koch (2001, p. 262), fecha a orientação. Já o terceiro ato é formado pelo agregamento do *and* com o operador *even* (até). Este, por assinalar o argumento mais forte, dispersa a força de adição daquele. Há, portanto, nesses atos uma sobrecarga de informações que explodem a orientação, sinalizando o uso enfático e interacionista do operador de adição (**e**) do português sendo traduzido para o inglês como *and*.

Salienta-se também, nesse mesmo fragmento, a presença do operador de oposição *but*. Este revela uma forte fraqueza discursiva gerada pelo enunciado anterior. Veja-se que a presença do operador *even* junto com o *that* pressupõe a presença do *even if* (mesmo que), que por sua vez se constrói com o operador *however* (contudo),

---

<sup>12</sup> O nome dos informantes é um codinome escolhido pelo próprio sujeito da pesquisa.

estabelecendo, assim, a idéia: **mesmo que ataques sejam raros, contudo, as pessoas os vêem como ameaças.**

Ora, da forma que se encontra, o *but* constrói uma idéia isolada: **até que ataques como esses são raros, mas as pessoas os vêem como ameaças.** Nesse caso, *but* está ocupando a posição do contra-argumento subordinado *despite of this* (apesar disso).

No fragmento 2, a posição de *and* é bem mais séria. Como esse operador ocupa um vocabulário básico de tendência negativa (-1,381), há forte indício de um emprego entre sequências rompidas. Idéia essa que é confirmada quando se observa que a informante usou o *and*, relação de adição, para unir quatro enunciados soltos: primeiro, os ataques dos tubarões nas praias; segundo, que eles são raros; terceiro, que eles continuam atacando surfistas, o que contradiz o enunciado anterior; e, finalmente, que os tubarões não atacam por esporte ou pelo desejo de matar. O *and*, portanto, encontra-se estagnado em um processo de desfragmentação coordenativa assindética, que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 7) chamam de rompimento da solidariedade constatada.

Em uma tentativa de resgatar a construção e verificar qual é a função que esse operador realmente está ocupando para manter uma coesão, mesmo fraca, foi usar o processo de inferência proposto por Dijk (cf. seção 1). Nesse caso, para o primeiro *and* o valor ocupado é do operador contra-argumentativo principal *but* e, para o segundo, o valor é do operador argumentativo subordinado *because*.

É preciso também redefinir a nova relação para *but*, que, nesse caso, assume o sentido de *even if*. Veja-se, agora, a tradução dessa frase com os novos valores assumidos pelo *and* e pelo *but* : Os tubarões têm atacado áreas de praia, mas (*but*) ataques como esses são raros, mesmo que (*even if*) eles continuem atacando banhista, porque (*because*) diferente dos homens, eles não matam por esporte ou por prazer.

#### Extração n° 3

*Having gun will not decrease the violence statistics nor tougher penalties **because if** robbers rob is for money and greediness always will be human blood* (Informante: Jeremy).

#### Extração n° 4

*I think **that** all the famous people cannot have their acts isolated* (Informante: Caio).

No enunciado 3, observe-se a construção do *because*, (-1,437) que se liga ao operador condicional *if*. Este diminui sensivelmente a força daquele porque dá uma idéia hipotética dos motivos pelos quais a violência não diminui (*money and greediness*) e, ao mesmo tempo, dá um sentido lógico de implicatura conclusiva (Se ladrões roubam é por dinheiro, portanto a ganância estará sempre no homem /portanto não haverá diminuição da violência).

Atente-se ainda para o operador *and que* além de juntar os itens lexicais *money* e *greediness*, também constrói dois outros enunciados ao exercer a função de explicação do porquê dos ladrões roubarem e da violência não diminuir. Neste caso, ao substituir o *and* por *because*, o enunciado assim se constrói: *if robbers rob is [because]*



*greediness always will be human blood* (Se ladrões roubam é porque a ganância estará sempre dentro do homem); ou, então, *not decrease the violence statistics [because] greediness always will be human blood* (Não diminui a violência porque a ganância está no homem)

Por seu turno, no enunciado 4, destaca-se a presença do operador *that*. Este se apresenta disperso pela presença do operador de discurso produzido *I think*. Koch (2004, p. 85) chama este operador de verbo de atitude proposicional, que dá ao discurso uma neutralidade de informação, mas que na verdade, junto com *that*, oculta a dificuldade de construir as seqüências sobre o tema, gerando um empobrecimento do discurso produzido. Essa informação realmente é comprovada, pois o *that* se encontra dentro de um vocabulário diferencial (-2,254), que fecha a possibilidade de continuidade temática.

Visualizado essas imprecisões que aproximam a T2 e T4, faz-se, a seguir, dentro da T1 e da T3, respectivamente, o levantamento de alguns fragmentos que mostram a força argumentativa presente nas mesmas:

#### Extração nº 5

*What people aren't aware of is **that** these attacks are the horrible effects of what pollution is doing to the ocean ecosystems around the globe* (Informante: Bola de fogo).

#### Extração nº 6

*The truth is **that** some people keep-up any resentment for the species **that** killed, hurt their friends, relatives, as if the sharks had reason **that** we have instead of instinct, to do **that*** (Informante: Mimo).

No enunciado 5, percebe-se que o *that* (0,289) estabelece uma relação catafórica e uma relação contra-argumentativa. Catafórica porque o *that*, de maneira resumida, projeta para frente o estado de não consciência das pessoas (Traduzindo: as pessoas não estão conscientes disso (*that*): esses ataques são os efeitos da poluição). Já contra-argumentativa principal porque projeta o valor de *but* no enunciado (Traduzindo: os ataques são os efeitos da poluição, mas (*but*) as pessoas não têm consciência.).

Já no enunciado 6, o operador *that* (1,298) assume quatro funções, sendo, segundo Halliday e Hasan (1976), duas referenciais textuais (endofóricas) e duas referenciais contextuais (exofóricas), ambas ligadas à situação da enunciação.

A primeira das quatro funções é uma relação catafórica textual (A verdade é isso: as pessoas mantêm ressentimentos); a segunda, ocupa de restringir o antecedente anterior (somente as espécies causadoras de ferimento e morte); a terceira, a função explicativa de contrastar a razão dos animais e a não razão dos homens (os animais agem por razões sérias, ao passo que os homens agem por instinto); e a quarta é uma referência a algo que foi dito em um enunciado anterior (no caso, o ataque dos tubarões às praias). Todas essas funções concorrem para o trocadilho semântico: **Quem é animal e quem é homem?**

#### Extração nº 7

*See the statistics for the USA, which have high rates of crimes, **although**, of having tougher penalties* (Informante: Patty).

#### Extração nº 8

*Certainly, “stupid” names better not only his act, **but** all the people that are doing negative critics just because he dated with two or three cross dressers* (Informante: Mimo).

No caso do enunciado 7, o que chama a atenção é a construção do *although* (0,938) concessivo que é posta após o enunciado restritivo de maior força argumentativa (*The USA high rates of crimes* – Os USA têm altas taxas de crime) e que de maneira geral no inglês deveria vir antes deste enunciado, uma vez que a função do *although* está, primeiramente, ligada à anulação da voz na qual o locutor não se identifica (penalidades mais duras não resolvem o problema da violência) e, depois, à proeminência da voz que se deseja chamar a atenção para uma determinada conclusão (Veja as taxas de criminalidade). Essa troca da ordem é determinada pela construção interacionista da língua portuguesa que constrói através da expressão lexical *statistics for the USA* (estatísticas para os USA) um enunciado de oração subordinada adjetiva explicativa em conjunto com uma oração concessiva.

Para a reconstrução desses enunciados, faz-se uso do operador *which* (1,773) próximo do operador *although* com a idéia de explicação-concessiva no primeiro enunciado, seguido do operador *however*, com a idéia de restrição-explicação no segundo enunciado. Os enunciados assim são contruídos: (1) Veja-se que embora tenham altas penalidades, (2) [contudo] as estatísticas mostram que os USA têm altas taxas de crime (*See **which although** of having tougher penalties, [however] the statistics have high rates of crimes for the USA*).

Já no enunciado 8, o operador *but* (1,303), que deveria trazer uma oposição ao primeiro enunciado (A) e orientar a argumentação em favor de uma dada conclusão consensual (C) que corresponde a: **Todas as pessoas que fazem críticas são estúpidas**, não desempenha essa função na íntegra. Isso acontece porque, segundo Costa Val (1994, p. 5), há um processo de compatibilidade semântica entre o operador de intensidade na forma de advérbio *not only* que cria o campo de adição com *but too/so does it* (mas também). Dessa forma, une em um mesmo patamar **o ato do personagem às críticas das pessoas**, representando, assim, a busca por um discurso polêmico em que há embate de argumentos.

## 7 Considerações finais

Ao final deste estudo, o que fica bastante evidente é que o grau de aferimento coesivo/coerente dos textos analisados se apresenta bem equilibrado e homogêneo. Entretanto, o mesmo não se pode dizer da força argumentativa destes textos. Constatou-se que os mesmos apresentavam comprometimento da força em local específico ou mesmo no texto como um todo. A possibilidade maior deste comprometimento se encontra na organização enumerativa de hierarquização dos operadores que mantinha um sobreuso e uma sobrecarga

semântica de operadores concorrendo em uma mesma categoria de relações ou mesmo em uma posição inversa do que é fixado sintaticamente para uma construção de enunciado em Língua Inglesa.

Tais constatações são corroboradas quando se observou que os operadores se alinharam com uma predominância semântica maior no vocabulário básico (no ponto inerte zero) e no vocabulário de tendência negativa (no sentido negativo) em direção ao vocabulário diferencial. Tal posicionamento revelou que os textos de opinião apresentavam uma fraqueza e uma dispersão na organização das seqüências argumentativas.

Realizado esses ajustes sobre a investigação, convém salientar que não foi pretensão deste estudo encerrar a discussão a respeito da organização relacional do texto de opinião quanto à articulação dos operadores. Ao contrário, a expectativa é que este artigo possa de alguma forma contribuir tanto para uma reflexão avaliativa sobre a interpretação de problemas que comprometem o sentido dos textos quanto para a formulação de hipóteses sobre as escolhas verbais relativas ao emprego dos operadores.

## 8 Referências

- CAMLONG, André. *Méthode d'analyse lexicale textuelle et discursive*. Paris: C.R.I.C & OPHRYS, 1996.
- \_\_\_\_\_; CAMLONG, Claudie. *Les dieux sont morts*. Paris: C.R.I.C & OPHRYS, 1995.
- \_\_\_\_\_; BELTRAN, Thierry. *STABEX: Version PC*. Produzido por TecArt Editora LTDA. Distribuição exclusiva de Pirus Tecnologia. 1 CD ROM, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: GALVES, Charlotte et al (Org.). *O texto: leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1997. p. 39-86.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DIJK, Teun Adrianus van *Texto y contexto: Semántica y pragmática del discurso*. Tradução de Juan Domingo Moyano. 6. ed. Madri: Cátedra, 1998.
- DUCROT, Oswald. *Polifonia y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- \_\_\_\_\_. Os internalizadores. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 3, p. 7-26, set. 2002.
- HALLIDAY, Michail. A.K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Marcadores Conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- MOESCHLER, Jacques et al. Procédures interprétatives et savoir partagés. In: VERONIQUE, D.; VION, R. (Ed.). *Modèles de l'interaction verbale*. Aix-marseille: Publication de l'Université de Provence, 1995. p. 235-260.
- MULLER, Charles. *Initiation à la statistique linguistique*. Larousse: Paris, 1986.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ROULET, Eddy; FILLIETTAZ, Laurant; GROBET, Anne. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang, 2001.

SILVA, Luís Roberto da. *Operadores na constituição textual*. 213 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

VILELA, Mário; Koch, Ingedore Villaça. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

ZAPPAROLI, Zilda Maria; CAMLONG, André. *Do léxico ao discurso pela informática*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2002.

---

### **Autora**

<sup>1</sup> Maria Aldenora CABRAL DE ARAÚJO, Professora (Mestre pela Universidade Federal de Pernambuco).  
[maca.duda@ig.com.br](mailto:maca.duda@ig.com.br).